

## ESTUDO DO PREENCHIMENTO DO SUJEITO DE TERCEIRA PESSOA EM FALANTES NATIVOS E NÃO- NATIVOS DE PORTUGUÊS DO BRASIL \*

Karin Gutz \*\*

**RESUMO:** Este trabalho faz um levantamento do preenchimento pronominal do sujeito de terceira pessoa no português brasileiro em narrativas orais e escritas de estudantes do ensino fundamental e médio. Também são comparadas as produções de falantes nativos àquelas de falantes não-nativos (alemães que têm o português como segunda língua). Para a realização deste trabalho 14 alunos (7 nativos e 7 não-nativos) assistiram a um vídeo e narraram a estória do filme oralmente e por escrito. A observação do material mostra que o preenchimento pronominal é a opção mais utilizada nos quatro grupos: não-nativos escrito (100%) > não-nativos oral (83%) > na vos oral (81%) > nativos escrito (59%). Quanto aos falantes não-nativos, o levantamento dos dados foi ao encontro do que se supunha antes da elaboração do trabalho, ou seja, de que o preenchimento pronominal é a opção mais utilizada e, sobretudo, na língua escrita. A obrigatoriedade do preenchimento do sujeito no alemão, língua materna dos informantes, parece estar influenciando sua utilização no português como língua estrangeira. Em relação aos falantes nativos os altos índices de preenchimento na oralidade, bem como os valores significativos verificados na escrita, parecem confirmar a hipótese levantada por Duarte (1993, 2000) de que o português do Brasil estaria alterando o seu sistema lingüístico de uma marcação positiva para uma marcação negativa do parâmetro *pro-drop*. Por fim, foi elaborada uma nova possibilidade de análise, considerando-se que na terceira pessoa, diferentemente da primeira e da segunda, o sujeito nulo não corresponde diretamente ao pronome nulo. Se assim se considerar, estará se ignorando a existência da possibilidade do preenchimento nominal. A reanálise do *corpus*, considerando portanto o sujeito nulo como a possibilidade de apagamento tanto do pronome como de uma referência nominal, sugere que as verdadeiras porcentagens de sujeitos preenchidos na terceira pessoa são mais semelhantes do que se imaginava àquelas verificadas para a primeira e segunda pessoas. Isso pode ser interpretado como um indício de que a mudança do português do Brasil para uma língua de preenchimento obrigatório do sujeito se encontra em um estágio mais avançado do que se supunha.

\* Este artigo foi estimulado pela disciplina de pós-graduação da Profa. Dra. Maria Aparecida C. R. Torres Morais da área de Língua Portuguesa da USP e apresenta alguns resultados prévios do projeto de pós-graduação *A referência no discurso oral e escrito de falantes nativos de português e aprendizes alemães do português brasileiro*, bolsa FAPESP (Proc. n° 00/086664-5). Também gostaria de registrar meus agradecimentos ao Prof. Dr. John Milton, da Área de Inglês da FFLCH-USP, pela ajuda na elaboração do *abstract*.

\*\* Universidade de São Paulo.

GUTZ, Karin. Estudo do preenchimento do sujeito de terceira pessoa em falantes nativos e não-nativos de português do Brasil.

Palavras-chave: português do Brasil, preenchimento do sujeito, sujeito nulo, português como língua estrangeira.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo foi motivado pela leitura dos artigos de Duarte (1993, 2000). Nesses artigos, a autora analisa a hipótese de que o português do Brasil estaria evoluindo de uma marcação positiva para uma marcação negativa dentro do parâmetro *pro-drop*. Tal fato estaria coincidindo com a simplificação nos paradigmas flexionais do verbo. Assim, a autora procura levantar evidências de que existe relação entre a crescente preferência pelo sujeito pronominal e a redução dos paradigmas verbais.

O *corpus* utilizado para a realização do estudo é constituído de peças populares de teatro, escritas nos séculos XIX e XX. Em relação aos paradigmas verbais, são detectados três períodos distintos. O que se percebe é que o primeiro paradigma analisado possuía seis formas de flexão verbal, que se reduziram para quatro formas. A transição teria se iniciado com a substituição da forma da segunda pessoa pronominal singular *tu* e a segunda pessoa plural *vós* pela forma *você(s)* que utiliza a flexão de terceira pessoa. E, mais recentemente, a primeira pessoa plural pronominal *nós* estaria sendo substituída pela expressão pronominal *a gente*.

Os três períodos que representam a evolução nos paradigmas flexionais podem ser observados na tabela abaixo, retirada de Duarte (1993, p. 109):

*Filol. lingüíst. port.*, n. 4, p. 199-219, 2001.

Pessoa	Número	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1 <sup>o</sup>	Sing.	Cant-o	Cant-o	Cant-o
2 <sup>o</sup> direta	Sing.	Canta-s	—	—
2 <sup>o</sup> indireta	Sing.	Canta-0	Canta-0	Canta-0
3 <sup>o</sup>	Sing.	Canta-0	Canta-0	Canta-0
1 <sup>o</sup>	Plur.	Canta-mos	Canta-mos	Canta-0
2 <sup>o</sup> direta	Plur.	Canta-is	—	—
2 <sup>o</sup> indireta	Plur.	Canta-m	Canta-m	Canta-m
3 <sup>o</sup>	Plur.	Canta-m	Canta-m	Canta-m

Ao examinar os dados levantados com a análise do *corpus*, a autora constata que a tendência de preenchimento da posição de sujeito pronominal pode ser relacionada ao empobrecimento do paradigma flexional verbal do português do Brasil, pois a quantidade de sujeitos expressos cresce significativamente à medida que se tem a redução na riqueza funcional dos paradigmas verbais.

Pôde-se perceber que a erosão no paradigma flexional foi sentida gradualmente e não de maneira uniforme em todas as pessoas gramaticais. A segunda pessoa foi a primeira a sofrer modificações: de 18% de sujeitos preenchidos, no primeiro período, passou a 78% no último período. O preenchimento da primeira pessoa passou de 31% em 1845 para 82% em 1992. São as alterações na terceira pessoa que suscitam maiores discussões. Isso porque, é sobretudo na terceira pessoa que a ambigüidade se localiza. De uma porcentagem de 28% de preenchimentos, passou-se apenas a 48%.

O fato de essa classe estar oferecendo maiores resistências às mudanças fez com que Negrão e Müller (1996) e Negrão (1997) sugerissem que estaria havendo uma certa estabilização no processo, na qual se manifesta, segundo as autoras, uma distinção funcional entre duas configurações sintáticas distintas. Neste modelo, o sujeito nulo pode ser interpretado como variável presa, enquanto os sujeitos preenchidos, não.

A tese desenvolvida por Müller e Negrão, na verdade, postula que a redução no uso de pronomes nulos não estaria diretamente relacionada à pobreza no paradigma verbal, que por sua vez estaria ocasionando dificuldades na identificação de sujeitos nulos. As autoras mencionam estudos desenvolvidos por Galves (1993) e Figueiredo Silva (1994), que afirmam que a pobreza flexional estaria relacionada ao pronome nulo e a algumas reestruturações que estariam ocorrendo na sentença do português do Brasil, e que isso caracterizaria o português do Brasil como uma língua orientada para discurso.

Müller e Negrão postularam uma tese inversa, ou seja, consideraram que o português do Brasil seria de fato uma língua orientada para o discurso e é tal fato que permitiria que a interpretação de categorias vazias se desse via discurso e seria responsável pela redução nas flexões verbais.

A questão de se o português é uma língua orientada para o discurso é bastante complexa e não será aqui analisada, o fato que pode ser relevante para esse breve trabalho é que Negrão e Müller afirmam estar havendo uma estabilização no processo de preenchimento do sujeito pronominal e que, em seus dados, foi justamente na terceira pessoa que se observaram os menores índices de sujeitos preenchidos.

Em Duarte (2000) a autora continua mantendo a primeira hipótese, ou seja, de mudança, e com base em seus estudos mais recentes atesta que o processo ainda estaria em constante andamento. A autora também se detém a observar o preenchimento de sujeitos indeterminados e a comparar os fatos verificados no português brasileiro a dados do português de Portugal, como também a relacionar a modificação que está ocorrendo no português brasileiro a um processo similar que ocorreu no francês medieval.

Com base nos aspectos acima mencionados, pareceu-nos que seria interessante fazer um levantamento, em mais um *corpus*, da frequência de preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa, dado que os valores verificados por Duarte (2000) e Negrão (1990), por serem distintos, motivaram hipóteses diferentes para a tese em questão.

Por curiosidade, também analisei um pequeno *corpus* de falantes alemães que possuem o português do Brasil como segunda língua, para que se tivesse uma amostra de como o preenchimento do sujeito de terceira pessoa se apresenta em falantes que possuem em sua língua materna o preenchimento obrigatório.

## 2. METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, foram utilizadas narrativas orais e escritas de estudantes de 5ª série e 2ª colegial de um colégio teuto-brasileiro da cidade de São Paulo.

O *corpus* é constituído de catorze narrativas de alunos alemães, sendo sete orais e sete escritas, e catorze narrativas de alunos brasileiros, sendo também sete orais e sete escritas. Este material constitui parte de um *corpus* maior que servirá como material para desenvolvimento de nosso projeto de mestrado.

O *corpus* foi recolhido da seguinte maneira: foi apresentado aos alunos um filme mudo. Após terem assistido uma vez ao filme inteiro sem interrupções, os informantes foram convidados a narrar individualmente a história. Tais narrativas foram gravadas em fitas-cassete. O entrevistador dá apenas o sinal para que comecem a narrar e evita interrupções às falas dos informantes.

Os alunos foram instruídos a não conversarem durante a exposição do filme, bem como ao seu término, enquanto aguardavam para serem entrevistados. Feita a narrativa oral, os alunos realizaram a narrativa escrita. É importante ressaltar que as entrevistas e as redações são em língua portuguesa.

Por se tratarem de narrativas, consideramos que tal material também poderia ser útil para a observação do preenchimento, ou não, do sujeito de terceira pessoa. O filme mostrado aos informantes tem como tema um veterinário em sua viagem para a África com seus amigos animais e, portanto, as narrativas foram feitas, quase em sua totalidade, em terceira pessoa.

Os objetivos gerais do trabalho são:

a) Verificar como se encontra a distribuição em sujeitos preenchidos ou nulos em narrativas orais de alunos falantes de português como língua materna;

b) Comparar os dados percentuais da língua oral aos dados levantados na língua escrita, para verificar como se comporta o preenchimento, ou não, do sujeito quando os alunos são solicitados a discorrer sobre um mesmo tema na modalidade escrita. Constatar até que ponto o preenchimento pronominal está presente na língua escrita, tendo em vista que a língua escrita tende a ser mais resistente ao processo de mudança;

c) Verificar a frequência de uso de sujeitos preenchidos e nulos na produção oral de falantes nativos alemães que têm o português como uma segunda língua, dado que em sua língua materna tais falantes têm como fator não marcado o preenchimento obrigatório. Tal frequência também será comparada ao português;

d) Verificar a frequência de uso de sujeitos preenchidos e nulos na produção escrita de falantes nativos alemães que têm o português como uma segunda língua e compará-la à língua oral desses mesmos alunos e também aos dados levantados em português.

### 3. LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

A seleção de dados só levou em conta sujeitos nulos e pronominais com referência definida; foram excluídas as coordenações com sujeitos correferenciais, pois como afirma Duarte (1993) "as coordenações com sujeitos correferentes parecem constituir um contexto universal para o uso do sujeito nulo." (p. 111) (Ex: Meu filho foi à escola e voltou tarde.)

O levantamento de dados permitiu a elaboração da seguinte tabela:

TABELA 1. Ocorrência de sujeito pronominal de terceira pessoa

3ª Pessoa	Pronome Preenchido		Sujeito Nulo		Totais
Alemão Oral	24	83%	5	17%	29
Alemão Escrito	12	100%	0	0%	12
Português Oral	110	81%	25	19%	135
Português Escrito	34	59%	24	41%	58

O primeiro fato que deve ser mencionado, no que se refere ao português em falantes nativos, é a diferença entre os totais de ocorrências na modalidade oral e na modalidade escrita. Tal fato se deve à natureza dos *corpora*. Os alunos foram bem mais prolixos na língua oral do que na escrita, ou seja, os textos orais são geralmente maiores. Outro fato responsável pela diferença na quantidade de totais é que na escrita, mais que na oralidade, os alunos fazem mais uso de progressões referenciais nominais, o que resulta em um número menor de ocorrências de referências pronominais.

O uso mais freqüente de referências nominais na modalidade escrita pode ser percebido com a observação de um mesmo trecho da narrativa de um aluno na modalidade oral e na escrita.

Trecho na língua oral:

(1) L1: ... eles tinham muitos animais ... ele tinha um papagaio né? ... que tinha garras muito boas e era pequenininho ... então ele conseguia fugir pela ... grade ... daí ele foge pela GRAd e ... e vai onde ... vai procurar a chave ... da pegar a chave lá da de ... vai procurar a chave para poder libertar o amigo dele né? ... daí chega lá ... ele encontra um ... não é funcionário assim... um funcionário do chefe ... daí ele começa a fazer um brincadeira. (Transcrição 1p Bra)

Trecho na língua escrita:

(2) Como o menino tinha muitos animais, o seu papagaio, que era pequeno e tinha boas garras, fugiu da prisão e foi procurar a chave para libertar os outros amigos. O papagaio encontra um funcionário do chefe, faz uma brincadeira com ele e a janela acaba quebrando. (Redação 1p. Bra)

Detendo-nos primeiramente à língua oral de falantes nativos, o que se percebe é que a observação dessa amostra parece ir ao encontro da tese de Duarte (1993), de que o preenchimento da pessoa pronominal nas gerações mais novas é cada vez mais freqüente (81% nesse corpus).

Estando cada vez menos exposta a dados lingüísticos que evidenciem a opcionalidade da representação fonológica do sujeito pronominal, a criança preenche essa posição cada vez mais.

Mesmo em circunstâncias em que, como afirma Calabrese (1986) em sua tese com base no italiano, o referente é esperado, ou seja, é sujeito de uma predicação, portanto um contexto favorável ao sujeito nulo, no português atual, muitas vezes, ele já aparece expresso.

Exemplo:

(3) L1: *eles avistam terra firme ... daí na hora que eles vão parar o o::: a caravela... eles batem numa rocha ...* (Transcrição 1 Bra)

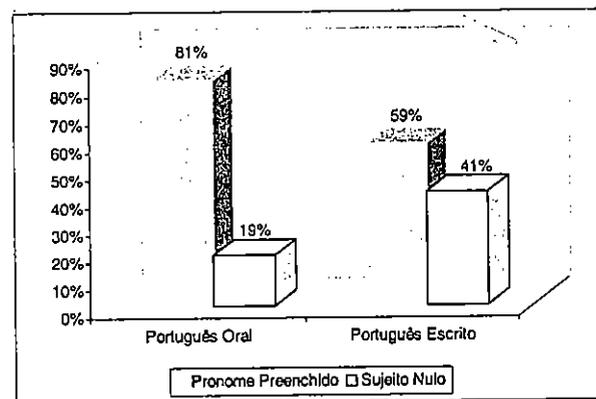
Até mesmo em trechos de coordenação com sujeitos correferenciais – configurando, como já foi mencionado, um contexto universal para o uso do sujeito nulo – também há ocorrências de sujeitos expressos:

(4) L1: *... e::: depois o navio afundou né? ... daí ... ahn ... eles chegaram ... eles encontraram uns nativos né? ... e::: eles tentaram se comunicar ... mas os nativos não entendiam eles ... e eles não entendiam os nativos...* (Transcrição 4p. Bra)

Um outro modo de se verificar até que ponto a opção por sujeito expresso já é a forma não marcada internalizada por esses alunos é observar os percentuais de preenchimento na língua escrita.

O gráfico a seguir estabelece uma comparação entre as duas modalidades de língua.

GRÁFICO 1. Comparação entre as ocorrências de sujeito pronominal de terceira pessoa na modalidade oral e na modalidade escrita de falantes de português como língua materna.



A observação do gráfico permite que se perceba que percentualmente há um decréscimo, quando se compara os dados de preenchimento na língua oral aos da língua escrita. No entanto, tendo em vista que, anteriormente, a opção não marcada era o sujeito nulo, pode-se dizer, com base nas pesquisas de Duarte (1993 e 2000) e nos dados aqui levantados, que o sujeito pronominal expresso parece substituir a opção de sujeito nulo até mesmo na escrita.

É importante retomar que tais fatos valem para o preenchimento de terceira pessoa, que se mostrou como a pessoa gramatical mais resistente à mudança, como já foi mencionado ao longo deste trabalho.

A forma pronominal nula ainda é de conhecimento dos alunos, mas cada vez mais eles parecem estar restringindo seu uso à modalidade escrita.

Um exemplo seria:

(5) L1: *tá ... e::: era um senhor ... que tinha um mariNHÉiro ... que ele saiu da terra dele ... com vários animais ... que ele considerava os amigos ... que*

*eram amigos dele ... que eram companheiros de navegação dele ... e eles estavam numa caravela em alto mar: r a procura de terra firme ... daí ele manda ... um passarinho ... para ver se tinha ... para procurar terra ... daí no começo até achei que era a arca de Noé ... quando eu vi os Bichos ... não sei quê ... assim ((risos)) ... éh ... ele daí o passarinho volta com um pedaço de terra ... depois de um tempo eles avistam terra firme ... daí na hora que eles vão parar o o::: ... a caravela ... eles batem numa rocha ... mas conseguem ... passar ... pra ... pra ... a ilha::: ... daí alguns tem dificuldade de sair do barco.*

(...)

*daí ele ajuda o porquinho a sair ... ah tem o pato também ... daí no que ele sobe a rocha ... pra pra já pular para ilha ... a cartola dele cai ... daí o pato LÁ ... pula na água para pegar a cartola dele ... daí eles ... eles ... quando ele chega na ilha ... eles vêm ... acho que é uma tri::bo ... só que o meio de comunicação deles é impossível ... porque ninguém entende uns aos outros ... daí como eles não se entendem ... os o::: pessoal da tribo acha que eles foram LÁ para fazer uma coisa ruim para eles. (Transcrição 1 BRA)*

O mesmo trecho se reproduz da seguinte maneira na língua escrita:

(6) *Um senhor navegava em uma caravela com seus animais, porco, macaco, arara, jacaré, pato, cachorro, que eram também seus amigos. A procura de terra firme, derrepente avistam terra firme, mas quando param na terra que era uma ilha a caravela bate em uma rocha e afunda. E o senhor com os animais entram na ilha e avistam uma aldeia, que os abordaram, por terem meio de comunicação muito diferente eles não se entendiam entre si. (Redação 1 BRA)*

O trecho final da mesma redação pode confirmar a grande presença do preenchimento pronominal na modalidade escrita:

(7) *Eles fogem e enquanto isso a tribo comemora por ter capturado novas pessoas. Quando eles percebem que eles fugiram, eles vão atrás deles tendo alguns empecilhos. (Redação 1 BRA)*

Pode-se levantar a hipótese de que a aluna, já no término do texto, parece estar mais envolvida com a seqüência de idéias e não com o fato de estar diante da modalidade escrita como no início, o que faz com que acabe se soltando e fazendo uso da estrutura que lhe é mais familiar, ou seja, o preenchimento pronominal.

Duarte (2000) faz alguns apontamentos sobre as estruturas deslocadas à esquerda. Ela afirma que tais estruturas seriam incompatíveis com o sistema *pro-drop* e menciona que o português do Brasil já faz uso desse tipo de estrutura, o que seria um fator adicional para se acreditar que o português do Brasil se encontra em um processo de mudança.

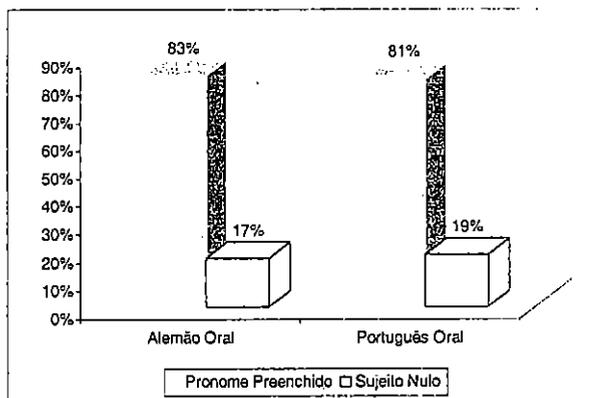
A observação do *corpus*, ainda que superficial, permitiu que se levantassem algumas ocorrências desse tipo de estrutura. O que mais uma vez nos leva a concordar com a possibilidade de processo de mudança afirmada pela autora.

Um exemplo seria:

(8) *eles continuaram fugindo ... aí tinha um desfiladeiro ... e::: os macacos eles fizeram uma ponte ... para poder passar e eles ... que eu lembro que o porco ele tinha medo de de::: passar ... aí ... eles passaram os desfiladeiro...* (Transcrição 3p. Bra)

Passamos a observar como se comportam esses fatos em falantes não-nativos de português.

GRÁFICO 2. Comparação entre as ocorrências de sujeito pronominal de terceira pessoa na modalidade oral de falantes não-nativos e nativos.



Ainda que em termos quantitativos o material recolhido com falantes alemães tenha sido mais reduzido que o material recolhido com falantes nativos, em termos percentuais, os valores indicam uma semelhança muito grande entre os dois corpora. A opção pelo pronome sujeito de terceira pessoa fonologicamente expresso também é a opção mais utilizada pelos falantes não-nativos em relação à opção de pronome nulo.

Dada a similaridade percentual, não se pode afirmar, com base apenas nos dados de língua oral, que os falantes alemães estariam fazendo mais uso do sujeito pronominal preenchido por interferência de sua língua materna.

Mas tal fato talvez possa indicar que o português do Brasil já é aprendido por tais falantes como uma língua em que a forma não marcada estaria passando a ser o sujeito preenchido, mesmo na terceira pessoa, considerada a forma mais resistente à mudança. Para que esse fato fosse confirmado, seria necessária, no entanto, uma análise de um corpus maior, bem como a comparação com um corpus de falantes não-nativos, que tenham uma marcação positiva do parâmetro pro-drop em sua língua materna.

Abaixo pode ser observado um exemplo de produção de um aluno alemão na língua oral:

L1: *aí foi que:: esse doctor Dolittle ... e ele vinha com os animais dele::: ele vinha para África ...*

Doc: *i::sso*

L1: *e:: ai::: teve os índios ... eles queriam::: eles peGaram ... os éh::: o doctor Dolittle e os animais ...*

Doc:

*uhm uhm*

L1:

*conderam ... eles ... depois éh ... o papagaio pegou a chave ... e eles ... estão livres de novo ... depois os índios vão atrás deles ... mas os índios não pegaram eles ... e::: assim não me lembro*

Doc: *só isso que você se lembra ... não tem mais alguma coisa ... do porqui:::nho*

L1: *ahn ... a éh aí foram esses macacos ... eles foram como é que chama essa coisa ...*

Doc: *uma pedra? ... que eles deram a mão? ... o que você quer falar?*

L1: *que esses macacos ... que::: não podiam mais ir ... porque teve esse:::*

Doc: *ah::: tipo um precipício assim ... um buraco né?*

L1: *éh ... eles não podiam mais andar aí os macacos ... vinham ... e eles podiam passar*

Como se pode perceber, a quantidade de preenchimento pronominal na posição de sujeito é bastante significativa. Outro fato que também pode ser notado nesse e em outros textos é que a quantidade de referências nominais definidas utilizadas pelos alunos é bem superior à quantidade usada por falantes nativos na língua oral. As referências definidas nominais são mais comuns na escrita, e essa grande presença na língua oral também contribuiu para que o número de ocor-

GUTZ, Karin. Estudo do preenchimento do sujeito de terceira pessoa em falantes nativos e não-nativos de português do Brasil.

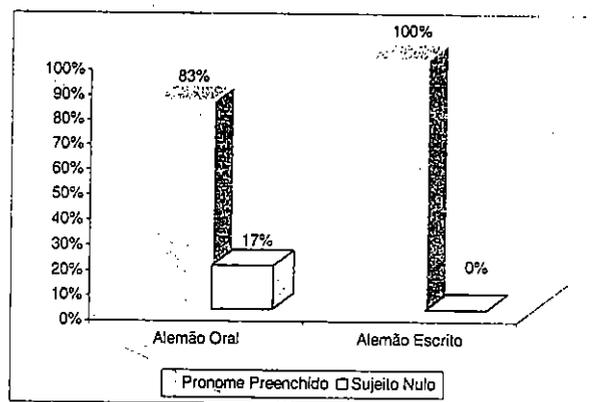
rências de sujeitos pronominais fosse mais reduzido que no *corpus* de falantes nativos.

Os alunos alemães, por estarem produzindo seu texto em uma língua estrangeira, acabam falando menos, o que também dificulta uma comparação quantitativa entre falantes nativos e não-nativos.

As estruturas deslocadas à esquerda também puderam ser observadas no *corpus* de falantes alemães (ex: *L1: ahn ... a éh aí foram esses macacos ... eles foram como é que chama essa coisa ...*) Talvez fosse interessante observar em um *corpus* que não fosse tão reduzido, se sua presença é mais significativa em falantes não-nativos de alemão que em falantes nativos, o que poderia significar uma interferência da língua materna.

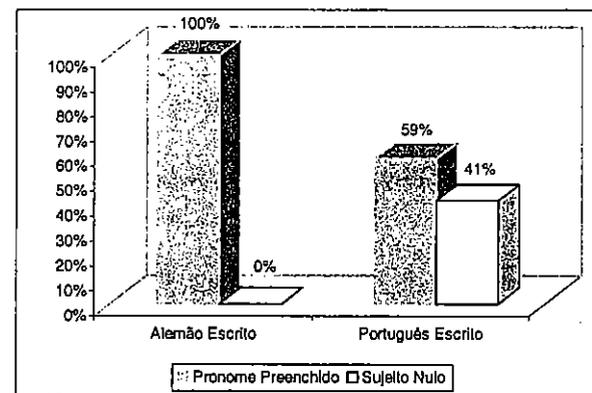
Abaixo pode-se observar a produção escrita de falantes alemães e sua comparação às produções de falantes de português do Brasil:

GRÁFICO 3. Comparação entre as ocorrências de sujeito pronominal de terceira pessoa na modalidade oral e escrita de falantes não-nativos.



*Filol. lingüíst. port.*, n. 4, p. 199-219, 2001.

GRÁFICO 4. Comparação entre as ocorrências de sujeito pronominal de terceira pessoa na modalidade escrita de falantes nativos e não-nativos.



Ao se observar os gráficos, pode-se perceber que a língua escrita apresenta uma diferença mais significativa entre os dados das produções de falantes nativos e não-nativos. Nesse *corpus*, os falantes não-nativos não utilizam a opção de pronome sujeito nulo na língua escrita.

Uma hipótese é a de que tal fato poderia ser uma influência da língua materna na língua estrangeira. Isso porque, o alemão, como já foi mencionado, é uma língua que tem marcação negativa para o parâmetro *pro-drop*. A modalidade escrita tem como traços ser mais formal e conservadora; portanto, dada a dificuldade da língua escrita, pode-se supor que o aluno procure fazer uso de estruturas que são mais familiares a ele, ou seja, mais familiares em sua língua materna e, desse modo, acaba não fazendo uso da opção de apagamento do sujeito pronominal.

Redação produzida por um aluno alemão de dezessete anos, há meio ano no Brasil:

O filme é sobre um médico que se chama Dr. Doolittle e seu equipe de animais. Eles estão viajando para África de barco. Quando eles chegam não há

praia e o barco está afundando porque o tempo está muito ruim e não há um lugar seguro onde o barco é seguro. Os animais e Dr. Doolittle nadam o resto do caminho até a costa. Mas o médico perde seu chapéu e o ganso têm que pegá-lo. Eles estão indo à selvagem e lá encontram os africanos (...)

#### 4. MAIS UM PONTO A SER CONSIDERADO

O levantamento acima apresentado foi elaborado, como já mencionado, nos moldes de alguns trabalhos similares realizados na teoria gerativa, em que se opõe o pronome preenchido ao pronome vazio, ou o que se chamaria de sujeito pronominal nulo. Tal procedimento parece ser bastante correto para a primeira e segunda pessoas verbais, em que ou aparece o pronome, como em “*eu fui ao trabalho*”, ou ele é apagado: “*fui ao trabalho*”. A oposição é simples e o mesmo vale para a segunda pessoa. No entanto, utilizou-se o mesmo critério para realizar o levantamento na terceira pessoa e, até mesmo, Émile Benveniste (1976) já havia alertado para a distinção que se estabelece entre as pessoas *eu/tu* e *ele*. Questionando a legitimidade da forma *ele* como “pessoa”, o autor menciona “uma característica das pessoas *eu* e *tu* é a sua unicidade específica: o *eu* que enuncia, o *tu* ao qual *eu* se dirige são cada vez únicos. *Ele*, porém, pode ser uma *infinidade de sujeitos*, ou *nenhum*”.

Não entraremos em detalhes quanto ao postulado teórico de Émile Benveniste, mas tal citação reforça a hipótese de que há de se considerar essa “infinidade de sujeitos” que não se resume apenas no pronome *ele*, mas também às outras referências nominais que vêm sendo desconsideradas nas análises do parâmetro “pro-drop”. Como se sabe, por exemplo, que quando se diz: *comprou* (referindo-se à terceira pessoa e não à segunda *você*) este sujeito nulo, é um pronome nulo se opondo simplesmente à forma *ele comprou*? E não um *sujeito nulo* se opondo não só à forma *ele comprou*, mas também a *Paulo comprou*, por exemplo.

É por esse motivo que realizamos um novo levantamento das ocorrências que se verificam no *corpus*, o que permitiu a elaboração da seguinte tabela:

3ª Pessoa	Pronome Preenchido		Sujeito Nulo		Sujeito Nominal		Totais
Alemão Oral	24	39%	5	8%	33	53%	62
Alemão Escrito	12	23%	0	0%	40	77%	52
Português Oral	110	54%	25	12%	69	34%	204
Português Escrito	34	24%	24	17%	85	59%	143

A observação da tabela possibilita uma hipótese de solução para o questionamento de porquê a terceira pessoa, na qual a ambigüidade se forma, tenha sido a mais resistente à mudança. Na verdade, talvez ela não tenha sido a última a se modificar, o problema é que não se pode utilizar para essa pessoa gramatical o mesmo critério utilizado para as outras duas. Quando se considera que, na terceira pessoa, um *sujeito nulo* não é necessariamente o mesmo que um *pronome nulo* os índices de apagamento do sujeito, em relação aos totais de sujeitos possíveis, se tornam menos expressivos ainda, ou seja de 12% na língua oral do PB e 17% na língua escrita do PB. Isso porque em busca do preenchimento do sujeito, nem sempre os falantes recorreram ao pronome preenchido, mas também recorreram ao sujeito nominal, o que parece ter sido desconsiderado até o momento. Seria necessário, portanto, verificar, por exemplo, no *corpus* diacrônico composto de peças teatrais, como fez Duarte (1993), se, ao se considerar o fato acima ressaltado, a terceira pessoa ainda continua a ser a última a se modificar. Pois, a observação da tabela acima sugere não só que o PB parece realmente já ter um uso pouco expressivo da possibilidade de sujeito nulo, mas também que a possibilidade de mudança talvez se encontre em um estágio mais avançado do que se supunha. Para tal confirmação seria necessário, no entanto, a análise de um *corpus* mais extenso.

#### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo fazer um pequeno levantamento para verificar como se encontra a questão do sujeito pronominal em

GUTZ, Karin. Estudo do preenchimento do sujeito de terceira pessoa em falantes nativos e não-nativos de portugueses do Brasil.

terceira pessoa, tendo em vista que pesquisas como Duarte (1993 e 2000) atestam que o preenchimento pronominal é cada vez mais frequente (em suas últimas pesquisas, a autora encontrou valores de preenchimento de 80% em falantes de 25 a 35 anos).

Por outro lado, autoras como Müller e Negrão (1996), como já foi mencionado, não consideram que a causa do preenchimento pronominal seja devido ao empobrecimento funcional do paradigma verbal. E sim, que o fato de o português ser uma língua orientada para o discurso continua permitindo a presença do sujeito nulo e é um dos motivos pelos quais foi possível ter uma redução no paradigma de flexões verbais. Assim, com base em seus levantamentos de dados, afirmam que se a redução do paradigma de flexões verbais fosse responsável pelo preenchimento pronominal, a terceira pessoa, que é a pessoa pronominal na qual toda a ambigüidade se forma, deveria ser a pessoa gramatical na qual se localizariam os maiores índices de preenchimento e não apenas 58,4% de preenchimento, como foi verificado.

Este pequeno trabalho procurou verificar, em narrativas orais e escritas de alunos do ensino fundamental e médio, como se evidencia a questão do preenchimento pronominal e, com base na última tabela apresentada, pode-se supor que a hipótese de mudança talvez se encontre em um estágio mais adiantado do que se supunha. Isso porque, o *não preenchimento do sujeito* na terceira pessoa não significa, necessariamente, como se vinha afirmando até o presente momento, uma relação direta com o *não preenchimento do pronome*. Ao se desconsiderar os sujeitos nominais, a porcentagem de sujeitos vazios em relação aos pronominais vai parecer desproporcionalmente maior do que na primeira e segunda pessoas. Tal fato parece apontar para a necessidade de uma revisão da análise diacrônica da mudança do português do Brasil de uma marcação positiva dentro do parâmetro *pro-drop* para uma marcação negativa. Pois, ao se considerar tal fato referente à terceira pessoa, possivelmente ela não tenha sido a última a se modificar.

Atribuir essa mudança somente ao empobrecimento dos paradigmas flexionais verbais parece ser arriscado, principalmente pelo fato de, até o momento, a terceira pessoa ter sido relatada como a

Filol. lingüíst. port., n. 4, p. 199-219, 2001.

última a apresentar modificações. Mas tal fato poderia levantar a hipótese de que, possivelmente, o português do Brasil era, como afirmam Duarte e Negrão, uma língua orientada para o discurso e, portanto, permitiria que a interpretação de categorias vazias se desse via discurso, mas estaria deixando de ser. E não tendo mais a possibilidade de interpretação do sujeito pronominal via discurso, os falantes estariam recorrendo cada vez mais ao preenchimento, seja ele pronominal ou por intermédio de sujeitos nominais. Mas tal hipótese teria que ser estudada mais minuciosamente.

Um outro aspecto observado nesse trabalho é se falantes alemães, que têm em sua língua materna a obrigatoriedade do preenchimento, usariam mais ou menos que os falantes nativos a opção de preenchimento do sujeito. O levantamento de dados, ainda que em um *corpus* bastante reduzido, permitiu que se percebesse que os falantes nativos e não-nativos apresentam valores percentuais muito semelhantes na língua oral. O que impede que se afirme que estaria havendo alguma interferência por parte da língua materna desses falantes não-nativos.

No entanto, na língua escrita, o preenchimento é de 100% e aqui sim poderia se sugerir alguma interferência. Estando diante da modalidade escrita que é mais formal, os alunos poderiam estar recorrendo a estruturas que lhes fossem mais familiares, diferentemente dos alunos que têm o português como língua materna. Estes parecem ter consciência de que a opção mais tradicional no português é o apagamento do sujeito e ainda recorrem a ele quando estão diante da modalidade escrita.

Dada a limitação do *corpus*, não seria possível fazer grandes generalizações, mas como foi possível observar, o preenchimento parece ser, cada vez mais, a forma preferida por falantes nativos do português do Brasil. Por falantes nativos alemães, que têm em sua língua materna a obrigatoriedade do preenchimento, a opção pela marcação negativa do parâmetro *pro-drop* também parece ser a mais evidente. Fica porém a curiosidade de como esse aspecto se daria em falantes não-nativos do português, que têm em sua língua como a forma não marcada o

GUTZ, Karin. Estudo do preenchimento do sujeito de terceira pessoa em falantes nativos e não-nativos de português do Brasil.

apagamento do sujeito. Recorreriam esses alunos mais ao apagamento? Ou eles perceberiam que o português é cada vez mais uma língua de preenchimento?

## BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, E. (1976) Estrutura das relações de pessoa no verbo (212). In *Problemas de lingüística geral*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, p. 247-59.
- CALABRESE, A. (1986) Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. In FUKUI, N.; RAPOPORT, T.; SAGEY, E. (eds.) MIT, *Working papers in linguistics*, 8, p. 1-46.
- DUARTE, M. E. L. (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: trajetória do sujeito no português do Brasil. In ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp, p. 107-28.
- \_\_\_\_\_. (2000) The loss of the "avoid pronoun" principle in Brazilian Portuguese. In KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda (orgs.) *Brazilian portuguese and the null subject parameter*. Madrid, Vervuert-Iberoamericana, p. 17-36.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1994) *La position sujet en portuguais brésilien*. Université de Genève, Ph. D. Dissertation.
- GALVES, C. C. (1993) O enfraquecimento da concordância no português do Brasil. In ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp.
- NEGRÃO, E. V. & VIOTTI, E. (2000) Brazilian Portuguese and the null subject parameter. In KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda (orgs.) *Brazilian portuguese and the null subject parameter*. Madrid, Vervuert-Iberoamericana, p. 105-25.
- NEGRÃO, E. V. (1997) Asymetries in the distribution of overt and empty categories in Brazilian portuguese. In BLACK, J. R.; MOTAPANYANE, V. (eds.) *Clitics, pronouns and movement. Current issues in linguistic theory*, 140. Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins Ltd.
- NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L. (1996) As mudanças no sistema pronominal do português do brasileiro: substituição ou especialização de formas?. *D.E.L.T.A.*, 12 (10), p. 125-52.
- NEGRÃO, E. V. (1990) *A distribuição e a interpretação de pronomes na fala de crianças da escola pública*. Fapesp/USP, ms.

**ABSTRACT:** This paper investigates the pronominal filling of third person subjects in Brazilian Portuguese in oral and written narratives produced by primary and secondary school students. It also compares the production of native speakers to that of non-native ones (Germans with Portuguese as their second language). For this study, 14 informants (7 native and 7 non-native speakers of Portuguese) were shown a video tape and were asked to tell orally and to

*Filol. lingüíst. port.*, n. 4, p. 199-219, 2001.

write down the story of the film. The analysis of the data shows that pronominal filling is the variant most frequently chosen for sentence subjects by all informants: non-native writing (100%) > non-native oral telling (83%) > native oral telling (81%) > native writing (59%). The results of the non-native speakers in the analysis of the data match the initial hypothesis that pronominal filling is the most frequently used variant, especially in written discourse. The obligatoriness of filled subjects in German, the native language of the informants, seems to influence the use of overt subjects in Portuguese as a foreign language. In the native speaker data, the high rates of overt subjects in oral discourse as well as the significant rates in written discourse seem to confirm the hypothesis formulated by Duarte (1993, 2000) that Brazilian Portuguese is altering its linguistic system from positive to negative marking of the *pro-drop* parameter. Finally, a new analysis is elaborated in view of the fact that empty third person subjects, differently from first and second person ones, do not necessarily correspond to omitted pronouns. Whereas first and second person NPs can only be filled by pronouns, third person NPs can also be filled by nouns. The reanalysis of the *corpus*, contrasting empty subjects with both pronominal and nominal overt subjects, suggests that the actual percentages of overt subjects in the third person are more similar to those in the first and second persons than has been supposed by other authors. This may indicate that the change of Brazilian Portuguese in the direction of a language with an obligatory overt subject has already reached a more advanced stage than is commonly acknowledged.

**Keywords:** Brazilian Portuguese, overt subject, empty subject, Portuguese as a foreign language.